

QUANDO PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS HABITAM QUINTAIS: POTENCIALIDADES PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

WHEN EDIBLE WEED INHABIT BACKYARDS: POTENTIALS FOR ENVIRONMENTAL EDUCATION

CUANDO LAS PLANTAS ALIMENTICIAS NO CONVENCIONALES HABITAN EN LOS PATIOS: POTENCIALES DE PARA LA EDUCACIÓN AMBIENTAL

Cristina Schittini¹, Angélica Cosenza²

Resumo

Este artigo é um recorte analítico de uma pesquisa construída a partir da prática social da alimentação e da contribuição à Educação Ambiental (EA) na construção da soberania alimentar e do Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA) a partir das Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC). O objetivo é discutir educabilidades identificadas na prática de sujeitos em quintais com PANC na cidade de Simão Pereira, MG, e que podem contribuir para o fazer pedagógico da EA. A utilização de referenciais teórico-metodológicos da Análise Crítica do Discurso permitiu identificar e compreender modos campesinos de habitar o mundo, que afrontam a lógica urbano-industrial. Sendo assim, os quintais com PANC podem se configurar como lugares práticos de produção de conhecimentos que contribuem para uma EA crítica, que se proponha a desvelar as consequências nefastas das cadeias produtivas globais, estabelecendo, então, outras formas possíveis de habitar o mundo.

Palavras-chave: Educação Ambiental; quintais; PANC; agroecologia; Sindemia Global.

Abstract

This paper is an analytical excerpt from a study built upon the social practice of food and its contribution to Environmental Education (EE) in constructing food sovereignty and the Human Right to Adequate Food (HRAF) by using Unconventional Food Plants (UFPs). The objective is to discuss educational potentials identified in practices by individuals in home gardens with UFPs in Simão Pereira village, MG, which may contribute to the pedagogical approach of EE. The use of theoretical-methodological frameworks from Critical Discourse Analysis allowed us to identify and understand peasant ways of inhabiting the world that challenge the urban-industrial logic. Thus, gardens with UFPs can be understood as practical spaces of knowledge production that contribute to a critical EE, aimed at revealing the harmful consequences of global productive chains, and establishing other possible ways of inhabiting the world.

Keywords: Environmental Education; backyards; UFPs; agroecology; Global syndemic.

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, Juiz de Fora, MG, Brasil. E-mail: cris.schittini@gmail.com

² Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, Juiz de Fora, MG, Brasil. E-mail: ar_cosenza@hotmail.com



Resumen

Este artículo es un recorte analítico de una investigación construida desde la práctica social de la alimentación y de la contribución a la Educación Ambiental (EA) en la construcción de la soberanía alimentaria y del Derecho Humano a una Alimentación Adecuada (DHAA) a través de las Plantas Alimenticias No Convencionales (PANC). El objetivo es discutir las educabilidades identificadas en la práctica de sujetos en patios con PANC en la ciudad de Simão Pereira, MG, que pueden contribuir al hacer pedagógico de la EA. La utilización de referentes teórico-metodológicos del Análisis Crítico del Discurso ha permitido identificar y comprender modos campesinos de habitar el mundo que desafian la lógica urbano-industrial. De este modo, los patios con PANC pueden configurarse como espacios prácticos de producción de conocimientos que contribuyen a una EA crítica, que se proponga desvelar las consecuencias nefastas de las cadenas productivas globales, estableciendo así otras formas posibles de habitar el mundo.

Palabras clave: Educación Ambiental; patios; PANC; agroecología; Sindemia Mundial.

1. Introdução

Este artigo é um recorte analítico de uma pesquisa de mestrado que foi pensada a partir da prática social³ alimentar, de um entendimento dessa prática enquanto cultura e da contribuição da Educação Ambiental (EA) para a construção da soberania alimentar e do Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA), a partir das Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC).

Problematizando tal prática social, constatamos a Sindemia Global como uma situação-limite para nossos estudos. Em 2019, a revista *The Lancet* trouxe o conceito de Sindemia global, que diz respeito à interconexão complexa de 3 pandemias simultâneas – desnutrição/fome, obesidade e crise climática – que coexistem no tempo e no espaço, interagem entre si e compartilham fatores sociais comuns resultantes do sistema agroalimentar hegemônico (*The Lancet*, 2019).

Nesse sentido, partindo da aposta de que a relação ambiente e alimentação se assenta em um fenômeno social, estabelecendo a integração de seres vivos e elementos naturais que coabitam o ambiente e constituem a biosfera, buscamos entender os quintais com PANC como lugares de resistência ao sistema agroalimentar hegemônico, potentes em contribuir com educabilidades para a formação de sujeitos capazes de se indignar e engajar-se na defesa da vida e de novas formas de produzir soberania alimentar. Para Layrargues (2020), esse é um sujeito ecopolítico e essa identidade vai além da ecológica; tal sujeito busca compreender a articulação de sistemas sociais, ecológicos, bem como as relações de poder intrínsecas às causas e consequências dos fenômenos ambientais-sociais.

³ Práticas sociais constituem maneiras recorrentes pelas quais agimos e interagimos no mundo, situadas no tempo-espacó. São intermediadoras entre o potencial abstrato presente nas estruturas sociais e a realização desse potencial em eventos concretos (textos) (Ramalho; Resende, 2011).

Nessa mesma direção, Schittini e Cosenza (2023) consideram quintais e PANC enquanto espaços e seres produtores de resistência aos processos de homogeneização dos modos de vida na modernidade. Para as autoras, quintais com PANC, por serem santuários da agrobiodiversidade, podem se comportar como microesferas das táticas cotidianas que asseguram o DHAA, e de produção de saberes que encaminham sujeitos ao pensamento crítico.

Autores como Almada e Souza (2017) apontam os quintais como *loci* de memória coletiva e individual. São considerados lugares de resistência ao processo de ocupação urbano-industrial. Nesse sentido, são compreendidos como espaços contra-hegemônicos, enraizados no cotidiano, de valorização dos saberes tradicionais e que contribuem de forma significativa ao DHAA. São lugares onde se encontra a maioria das PANC, de fortalecimento da soberania alimentar e que propõem uma nova perspectiva de tempo vivido.

Por sua vez, as PANC são consideradas plantas comestíveis que resistem à monotomia alimentar, já que são ditas como não convencionais para o mercado capitalista globalizado. São plantas nativas, exóticas, espontâneas, cultivadas e/ou tradicionais da cultura alimentar de determinado território, e suas partes comestíveis ou em sua integralidade não ocupam espaços de produção e comercialização de forma convencional (Kinupp; Lorenzi, 2014). São consideradas exemplos de plantas convencionais a alface, a rúcula, a pera e a maçã; e de PANC, a ora-pro-nobis, o caruru, o jambu, a uvaia, a grumixama, entre muitas outras.

Presenciamos ausências nas cidades, tanto de quintais quanto de PANC os habitando, devido à artificialização das cidades sob a lógica urbano-industrial e de consumo. Para Nêgo Bispo (2023), a cidade é um território artificializado que exclui a possibilidade de vidas não humanas. Para o autor, esse território transforma tudo em sintético, inclusive o saber, e opõe-se ao envolvimento com toda forma de vida, ou seja, rompe com a biointeração e com os saberes construídos nesse envolvimento.

Dessa forma, o problema social deste estudo assenta-se no modo como as cidades invisibilizam e destroem quintais e, assim, também os saberes que com eles se constroem: problema esse que reforça a negação do DHAA e da soberania alimentar. O objetivo deste artigo é discutir educabilidades identificadas na prática de sujeitos que constroem e praticam quintais com PANC na cidade de Simão Pereira, MG, e que podem contribuir para o fazer pedagógico da EA a partir dos saberes relativos às PANC, à soberania alimentar e ao sistema agroalimentar hegemônico.

A investigação qualifica-se como uma pesquisa qualitativa com aporte teórico e metodológico da Análise Crítica do Discurso (ACD). Para Ramalho e Resende (2011), a ACD, por ser uma abordagem das ciências sociais, científica e interdisciplinar para estudos críticos da linguagem, oferece suporte para questionamentos de problemas sociais relacionados a poder, controle e justiça, tendo o conceito de discurso centralidade em seus estudos. Sob essa perspectiva, o discurso é entendido como parte constituinte de toda prática social, sendo moldado e restrinido pela estrutura social e passível de mudança. Entendemos esses discursos, então, como momentos de uma prática social que, no caso desta pesquisa, ocorre na prática cotidiana e contínua de construir, cultivar e manter quintais com PANC.

As autoras Ramalho e Resende (2011), apoiadas em Norman Fairclough e Lilie Chouliaraki, propõem cinco etapas para a investigação discursiva de problemas sociais: a percepção de um problema social; a identificação de obstáculos para que o problema seja superado (análise da conjuntura teórica, análise da prática particular e análise do discurso); a investigação da função do problema na prática; a investigação de possíveis modos de ultrapassar os obstáculos; e a reflexão sobre a análise.

Este artigo está organizado conforme tais etapas. Nesta introdução, anunciamos nosso objetivo e problema social para, nas seções dois e três, discutirmos a conjuntura de nosso estudo. Em seguida, na seção quatro, trazemos uma breve descrição dos quintais com PANC para problematizar significados atribuídos pelos sujeitos aos quintais e às PANC, à soberania alimentar e ao sistema agroalimentar hegemônico. Por fim, nas considerações finais, discutiremos as educabilidades investigadas, que podem contribuir para o fazer pedagógico da EA e possíveis modos de ultrapassar os obstáculos a elas identificados.

2. Potencialidades e quintais agroecopolíticos

A conjuntura deste estudo, etapa essencial dos estudos críticos do discurso para examinar práticas sociais, parte da Sindemia Global, que se constrói como consequência das relações de poder assimétricas do sistema agroalimentar hegemônico. Por ser um sistema de produção, distribuição e comercialização em grande escala de *commodities* agrícolas, agroenergia, biocombustíveis e produtos alimentícios ultraprocessados, provocam diversas injustiças ambientais e violações, tanto de direitos humanos quanto não humanos, produzindo fome, contaminação do solo, água, ar, perda da biodiversidade, etc. Tais injustiças e violações, por vezes, são veladas ou dissimuladas através de discursos produzidos e distribuídos de forma que a ideologia opere para a manutenção da hegemonia.

Filardi (2022) e Bombardi (2023) esclarecem que tal sistema é um componente essencial da reprodução capitalista de indústrias do Norte Global: perpassa o mercado financeiro, o agronegócio, as centrais de abastecimento e logística, a indústria alimentícia e de ultraprocessados, a indústria farmacêutica, os hipermercados e atacarejos⁴, influenciando disponibilidade, acesso e escolha individual e/ou coletiva de alimentos. É responsável pela artificialização e destruição de agroecossistemas inteiros. Tal processo atua através de múltiplas colonialidades fundamentadas no ser (ontológicas), no poder (ético), no saber (epistemológicos), na cosmogonia (natureza e cosmovisões), em aspectos de gênero (mulher racializada) e químicos (racismo ambiental relacionado à utilização de biocidas) (Maldonado-Torres, 2018; Walsh, 2009; Lugones, 2014; Bombardi, 2023).

Para a ACD, a ideologia é um instrumento semiótico que visa a estabelecer e assegurar, mesmo que temporariamente, a hegemonia (Ramalho; Resende, 2011). Os modos de operar a

⁴ Atacarejos são hipermercados que vendem produtos tanto para compra em atacado quanto no varejo.



ideologia, através do discurso, engendra desvalorização, desqualificação e apagamento de saberes através do epistemicídio. Esse conceito de epistemicídio está ancorado na proposta de Carneiro (2023), que aponta um dispositivo de racialidade ao epistemicídio pensado por Boaventura Souza Santos, para determinar que é uma ação direcionada a saberes racializados. Tais consequências contribuem com a negação do DHHA e cria obstáculos à construção da nossa soberania alimentar, e no caso particular dos interesses desta pesquisa, quando produz um discurso ideológico que desqualifica e/ou desvaloriza saberes construídos em quintais com PANC.

Para afrontar esse sistema de morte e de adoecimento, a Agroecologia surge como caminho de um projeto societário contra-hegemônico, uma vez que é fundamentada em uma tríade: ciência, movimento e prática. Machado e Machado Filho (2017) são incisivos ao afirmarem que a Agroecologia abrange as dimensões de escala social, política, econômica, ambiental, técnica, energética, administrativa, ética e de soberania alimentar. Essas dimensões, “[...] desde o ponto de vista da produção agrícola, são indissolúveis, indissociáveis, integrais, indivisíveis, incontestáveis, indubitáveis, irrefutáveis e interdependentes” (Machado; Machado Filho, 2017, p. 192).

Apoiadas em Siliprandi (2015), consideramos que a Agroecologia é uma prática social alimentar que visa à justiça ambiental no campo e na cidade, a partir de uma política de vida, sobretudo ao produzir **comida de verdade**, nos moldes propostos pelo Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional - CONSEA (2015)⁵, ao assegurar o DHAA e possibilitar a construção de relações multiespécie⁶ dignas a todos os viventes. Estrutura-se na prática e em movimentos sociais de resistência ao sistema agroalimentar hegemônico. Essa prática social agroecológica materializa-se no trabalho comunitário, solidário de produção de alimentos, seja no campo ou na cidade.

Para identificar educabilidades agroecológicas que intencionam afrontar a Sindemia Global, Rufino (2023) ajuda a pensar a educação enquanto um radical vivo, fundamentada no corpo, na palavra, na memória e no ato. Uma educação que está em todos os lugares da biosfera com suas múltiplas relações, sendo um repertório de práticas miúdas, contínuas e cotidianas que tem como objetivo plantar esperança em busca de dignidade e vida. Para isso, afronta o contínuo colonial e, consequentemente, o capitalismo.

Acreditamos que a educação decolonial pode enfrentar uma educação conteudista e as múltiplas colonialidades, como também a homogeneização da formação humana. Nessa perspectiva, acreditamos em uma EA que é crítica e com compromisso social. **Pensar e fazer** uma Educação Ambiental a partir da crítica “é uma exigência epistemológica e ontológica, de

⁵ Em 2015, o CONSEA lançou um manifesto que delimita o conceito de comida de verdade. Em síntese, comida de verdade é: 1) socialmente justa; 2) reconhece o protagonismo da mulher; 3) respeita os princípios da integralidade, universalidade e equidade; 4) erradica a fome e promove alimentação saudável; 5) preserva a natureza; e 6) promove a saúde e a paz entre os povos.

⁶ O estudo multiespécie, aqui, é entendido como ecologias de seres: meios dinâmicos e múltiplos que se fazem e se tornamativamente, trabalhados através da partilha de significados, interesses e afetos. A humanidade é co-constituída nessa ecologia de seres (Van Dooren; Kirksey; Münster, 2016).

busca das determinações do ser e de explicações a partir do sentido que as relações complexas nos apresentam” (Loureiro, 2019, p. 111).

Esse compromisso social e político da EA implica estabelecer a conexão entre justiça ambiental, desigualdade social, relações de poder e transformação social. As questões ambientais e sociais são indissociáveis. A EA crítica compreende a humanidade na relação com a natureza, intervindo nos problemas e pensando os conflitos ambientais enquanto elementos de movimento educativo. Assim, contribui através da tomada da consciência crítica freireana para uma mudança de valores e atitudes.

Para Cosenza (2022), a intencionalidade da EA crítica é provocar o deslocamento do individual para o coletivo, no momento em que parte do **fazer político** configura-se em instrumento de resposta e enfrentamento à crise civilizatória. Segundo Layrargues (2020), o objetivo da EA que se faz crítica é a formação de sujeitos ecopolíticos, e para isso, torna-se necessário que tais sujeitos assumam conscientemente a sua essencial condição humana em direção à práxis.

Nessa construção da Educação Ambiental, que elabora uma leitura ecopolítica do sistema-mundo, surge o diálogo com a área de conhecimento da Ecologia Política, fazendo vigorar um estreito laço com a vertente latinoamericana. A Ecologia Política organiza seu campo de conhecimento a partir do desafio de desconstruir “[...] a trama de poder que sujeita o mundo, que degrada a biosfera, polui o ambiente e coloca em risco a sustentabilidade ecológica e a diversidade cultural” (Leff, 2021, p. 411). Segundo Menezes e Cosenza (2025), a EA, aliada à Ecologia Política latinoamericana, pretende defender os territórios e os modos de vida tradicionais através da territorialização da vida e da construção de uma política de vida.

Ferdinand (2022, p. 267), ao refletir sobre uma ecologia decolonial, é incisivo em afirmar que “[...] a ecologia é acima de tudo uma questão de justiça”. Portanto, a crise ecológica/ambiental/climática deriva de uma crise de justiça. Para esse enfrentamento, é urgente voltar às origens desse processo. Para o autor, essa origem repousa sob uma dupla fratura: ambiental e colonial. Enquanto a fratura ambiental surge na modernidade, do divórcio entre cultura e natureza, estabelecendo uma escala vertical de valores antropocêntricos e eurocentrados, a fratura colonial é formada pelas formas de opressão provenientes das múltiplas colonialidades (do saber, do ser, do poder, da natureza e de gênero). Por conseguinte, ambas as fraturas são exacerbadas pelo modo de produção capitalista.

Assumimos que a confluência da Educação Ambiental com a Ecologia Política latinoamericana pode favorecer uma leitura ecopolítica da questão alimentar, ao denunciar o sistema agroalimentar hegemônico, que não produz comida, mas *commodities* agrícolas, e que com seus modos de operação contribui para a manutenção da fratura ambiental. Tal confluência é potente em anunciar a Agroecologia enquanto um projeto societário produtor de vida e da racionalidade ambiental que, para Leff (2021), é um pensamento que se enraíza na vida através de uma política do ser e da diferença, na alteridade e no diálogo dos saberes.

Nesse contexto, os quintais com PANC podem ser considerados enquanto sistemas bioculturais que possibilitam o exercício de uma racionalidade ambiental, alargando os

horizontes dos sistemas de produção de conhecimento para além do pensamento abissal da modernidade, sendo um espaço de tempo dos sistemas vivos (Almada; Souza, 2017; Kinupp; Lorenzi, 2014). Layrargues (2021) compara as PANC com um alimento agroecopolítico que fortalece e vitaliza os saberes tradicionais, e desnuda as raízes de uma agricultura capitalista.

Dessa forma, compreendemos que os quintais com PANC são lugares agroecopolíticos, que tanto podem contribuir para desvelar as contradições do sistema agroalimentar hegemônico quanto construir meios e modos de superar a Sindemia Global.

3. Das educabilidades dos quintais com PANC em Simão Pereira, MG

A conjuntura exposta na seção anterior e o contexto social da cidade de Simão Pereira, MG, e seus quintais permitiram investigar sete quintais com PANC, praticados por oito sujeitos, cujos nomes foram preservados e substituídos por seres viventes que coabitam seus quintais. A cidade e seus quintais foram aqui consideradas enquanto contexto social de produção discursiva investigado. Para a ACD, tal contexto pode ser definido como elemento que traz informações da realidade social necessárias para a interpretação e análise dos textos e discursos.

Simão Pereira, MG, tem características rurais e situa-se em processo de gentrificação rural: um dos bairros da cidade, conhecido como Balança, vem sendo sistematicamente loteado para a construção de condomínios fechados que atendem uma população de maior poder aquisitivo advinda de outras cidades, sob uma lógica urbano-industrial-globalizada.

A cidade possui menos de três mil habitantes e é integrante do Caminho Real. Está localizada na Zona da Mata mineira, construída às margens da Estrada União Indústria. Com a construção da BR-040 e com o fluxo de trânsito redirecionado, muitas atividades econômicas foram encerradas. Em 2019, 19,4% do referido município foi considerado ocupado, tendo o salário médio mensal de até dois salários mínimos, e 38,1 % foi considerado de domicílios com rendimentos mensais de até ½ salário-mínimo por pessoa.

Participaram da pesquisa cinco mulheres e três homens que residem nas principais áreas da cidade: Zona Rural, Centro Histórico e bairro Balança. O método da escolha dos participantes ocorreu primeiro pela observação dos quintais da cidade, considerando as 3 áreas supracitadas, para avaliar a finalidade desses quintais, se eram apenas ornamentais ou se havia plantas para fins alimentícios e de cura. Posteriormente, procedemos a 1) observar as práticas realizadas nos quintais, com vistas a identificar as ações cotidianas de cultivo, manejo e uso; e 2) identificar a presença de PANC em tais quintais. Para tais estratégias, fizemos uso da observação participante⁷, que constituiu notas de campo sobre tais práticas.

⁷ A estratégia da observação participante constituiu as notas de campo, para buscar compreender o processo em que os/as participantes dão sentidos às suas vidas e constroem significados a partir de suas experiências em seus quintais com PANC (Bogdam; Biklen, 1994).

A ACD tem como unidade de análise os textos, que são os objetos concretos e semióticos da prática social. Para esta pesquisa, os textos analisados advieram das entrevistas semi-estruturadas. Tais entrevistas seguiram um roteiro dividido em temáticas relacionadas ao *corpus* teórico e observações que possibilitaram o diálogo espontâneo, e foram transcritas integralmente. Aqui, o processo de coleta de dados foi significativo para identificar e organizar excertos que problematizam temáticas de interesse à relação linguagem/poder/transformação social.

Na ACD, a prática social, tanto media quanto é causa e consequência da relação entre estrutura social e evento social (textos). A leitura dessa estrutura social está organizada na seção 2 deste artigo, em que discutimos a conjuntura. Na leitura densa do *corpus* empírico desta investigação (entrevistas semiestruturadas transcritas e notas de campo de observação), relacionando-o à conjuntura, identificamos excertos com significados atribuídos pelos sujeitos aos quintais com PANC, que organizamos em 3 temáticas analíticas: 1) A Soberania Alimentar e o fazer (re)existência; 2) O desabrochar de outras formas de ser; e 3) As sementes do poder hegemônico.

O método de análise desses textos foi construído a partir da proposta da ACD e, portanto, analisamos aspectos gramaticais, discursivos, como também aspectos referentes à identificação dos discursos enquanto modos de representação do mundo, modos de agir e modos de ser. No que tange às ordens do discurso⁸, a ênfase recai sobre o discurso, para compreender os modos de operação da ideologia e os estilos, por contribuirem em identificar modos de ser resistência à Sindemia Global.

Para as análises, utilizamos categorias típicas de análises lexicais e de representação discursiva, como: a intertextualidade; metáfora e representação de atores sociais. A intertextualidade permite identificar como o texto de análise se articula com outros textos e outras vozes, o que possibilita explorar práticas discursivas na sociedade e a relação entre elas. A metáfora molda significados identificacionais de maneira particular, viabilizando analisar como os/as participantes comprehendem sua realidade. A categoria de representação social diz respeito ao conjunto de atributos culturais interrelacionados (Ramalho; Resende, 2011).

Antes de discutir tais temáticas, contextualizamos os quintais com PANC e os sujeitos da pesquisa para explicitar melhor o contexto social de produção discursiva, conforme já anunciado nesta seção.

Os sujeitos que participaram desta pesquisa habitam a cidade há mais de 40 anos, possuem idade superior a 60 anos e são as/os únicas/os responsáveis pelas práticas de agricultura nos quintais. São historicamente campesinas/os e aprenderam o trabalho com as plantas ainda crianças, a partir da observação do cotidiano familiar e do próprio trabalho, como Peixes nos fala: “A gente ficava olhando o jeito deles de plantá e a gente ia [...]”.

⁸ Ordem de discurso é um sistema que organiza os significados na prática social. É constituído por três significados: gênero, que diz respeito aos modos de ação e interação; discurso, relacionado aos modos de representação; e por fim, estilos, que se refere aos modos de (auto)identificação.

Enquanto os homens plantam pensando primeiro na comercialização, e posteriormente nas despesas da família, as mulheres preocupam-se em assegurar o DHAA do núcleo familiar, com a doação do excedente e trocas de mudas e sementes, através da prática da solidariedade. Cinco sujeitos plantam em seus próprios quintais; dois não possuem áreas próprias; e um sujeito planta em seu próprio quintal quando há a possibilidade, também cultivando em outras áreas urbanas para fins de aumento da produção.

Em seguida, abordamos os resultados da investigação empírica organizados por temáticas analíticas, como mencionado acima: 4.1) A Soberania Alimentar e o fazer (re)existência; 4.2) O desabrochar de outras Formas de ser; e 4.3) As sementes do poder hegemônico.

3.1 Perseguir a Soberania Alimentar e o fazer (re)existência

Nessa temática identificamos, no discurso dos participantes, fissuras ao sistema agroalimentar hegemônico, ou seja, contradições e fragilidades na compreensão do sistema hegemônico que nos indicam modos que contribuem com uma mudança social. Maritaca, ao contar suas motivações em ter um quintal com PANC, faz uma avaliação afetiva de suas plantas frente aos insumos convencionais de manejo, como o fertilizante químico e os agrotóxicos:

Gosto de colhê em casa porque eu sei que ali eu não coloco remédio. E tudo que cê compra na cidade é remédio, tem remédio. E aqui, cê sabe que vem da terra sem adubo, só esterco aqui na horta, entendeu? O que a gente usa, aqui, é esterco que vem daqui, nada mais.

Nesse excerto, a motivação de Maritaca em ter e praticar um quintal com PANC vem da comparação entre campo e cidade, que cria dualismos e indica uma relação causal. Para aludir à cidade, ela faz uso das metáforas **remédio** para agrotóxico e **adubo** para fertilizantes químicos. Ao utilizar **remédio**, **adubo**, **terra** e **esterco**, cria significados que afrontam a artificialidade da cidade sob a sua lógica urbano-industrial capitalista, também faz comparação entre as técnicas e a qualidade de alimentos provenientes do agronegócio e da agricultura tradicional, que valoriza os insumos próprios.

Maritaca utiliza o verbo **colher** para os alimentos provenientes de uma agricultura tradicional e **comprar** para os alimentos provenientes desse sistema agroalimentar capitalista. Essa distinção lexical também aponta uma identidade campesina que afronta valores consumistas capitalistas. Ao olharmos as escolhas lexicais, percebemos que Maritaca indica um estilo próprio de se identificar e a outros sujeitos locais que igualmente plantam em **quintais**: “a gente usa, aqui, é esterco que vem daqui”. Referente a significados discursivos, nota-se que

há uma representação valorativa de campo e cidade, em que a cidade é representada como um lugar doente.

Lagarta também compara sua prática no quintal com PANC para denunciar a industrialização e o caráter capitalista dos alimentos comprados:

Porque eu penso assim: enquanto eu tô plantando ali, eu não vou buscar aquela que tá lá fora, doente, né?! Porque essas planta, tudo que a gente compra é doente, porque tudo é com, com, misturado com essas outras coisas. É, você vê: você compra uma coisa e tem validade assim [...] Então quer dizer que é tudo envenenado, essas coisa que a gente compra, né?! E a gente colhendo, a gente não tem esse negócio.

Lagarta traz um modo de agir em sua prática e delimita fronteiras entre o quintal e o fora dele para justificar o sentido de ter seu quintal com PANC. O uso do gerúndio **plantando** e **colhendo** demonstra a prática contínua nos quintais, e diferencia-se de **buscar** e **comprar** enquanto verbos no infinitivo, que podem significar uma ação mais pontual. Esse esforço de **buscar** e **comprar** está relacionado a produtos alimentícios, e não ao alimento saudável processualmente plantado e colhido em seu quintal. Os termos **doente**, **validade** e **envenenado** denunciam, em sua voz, a qualidade dos alimentos provenientes do sistema agroalimentar hegemônico, e justificam a sua motivação na manutenção do seu quintal através da distinção entre os verbos **plantar** e **comprar**. A função acional desse excerto junto a uma dimensão relacional na fronteira espacial entre campo-cidade, que Lagarta delimita, traz, na ação de plantar, a identidade campesina que afronta a sociedade consumista. A metáfora de fronteira, aqui construída, parece revelar diferenças e relações de poder entre práticas campesinas ligadas à agroecologia e práticas do agronegócio e da indústria de ultraprocessados, assim como valorizar a prática social dos quintais com PANC.

Podemos afirmar que Lagarta também problematiza o sistema agroalimentar hegemônico, quando fala de suas memórias nos quintais com PANC:

A gente não dava ração porque a gente plantava tudo. E hoje não, você vê, você pega um pintinho com 2, 3 meses e já tá no ponto de matar. Porque é, já come aquela carne envenenada. Aquilo, pra mim, naquela época, era uma época muito boa, que hoje a gente fala assim “vou cozinar um inhame, vou botá pra nois comê”; “ê, ê cruz credo! Eu não como isso não”. Hoje é assim, né? Naquele tempo não, nossa merenda de manhã era o que? Meu pai tinha um latão grande assim, ele fazia aquela fornalha assim, no meio do terrero, a gente botava, ia na roça, lá no meio do mato, que tinha muito inhame.

Nesse excerto, o uso da comparação constrói um entendimento de identidade social através dos léxicos **a gente, naquela época, hoje, eu**, e desenvolve uma avaliação sobre os modos de identificar a si mesmo como aquele/a que pratica o quintal com PANC e os outros, aqueles que vivem sob valores consumistas. Assim, usamos a metáfora da fronteira novamente, mas desta vez, uma fronteira temporal. Os termos **a gente, naquela época, época boa, naquele tempo**, relacionam-se à fartura e a uma cultura alimentar que se construía a partir das plantas que o quintal provia. Já os termos **hoje não, hoje é assim**, estão relacionados ao consumo e à produção industrial, e à comida envenenada.

O uso da intertextualidade manifesta, utilizada na expressão “a gente fala assim: vou cozinar um inhame, vou botá pra nois comê”, surge como uma forma de se afastar para trazer validação de outros em uma avaliação positiva relacionada à **época boa** que Lagarta aponta, em contraponto com a época atual.

Pensar a partir da fronteira temporal permite ler duas realidades que se opõem, e atores sociais nela posicionados, sendo eles o modo tradicional de viver manifesto nos termos que remetem a outro período, como **naquela época**, e o modo de desenvolvimento capitalista, na expressão **hoje é assim**. A qualidade dos produtos provenientes do sistema agroalimentar hegemônico também é anunciada, tanto ao utilizar o conectivo **porque** (indicando causa e efeito na forma industrial de criação) quanto na interjeição de repulsa a um alimento proveniente do quintal com PANC.

Ao analisar os significados dados a algumas PANC, buscamos primeiro compreender o manejo, uma vez que são reconhecidas enquanto plantas rústicas e de fácil manejo.

Não, é diferente. A taioba você planta lá, ela fica lá. A couve não, você tem que tá aguando, tem que tá cuidando, colocando esterco no pé dela, catando os pulgão [...] a taioba aqui em casa, por exemplo, já tinha aí, sozinha aí.

No excerto, ao descrever o manejo de suas plantas, Cães utiliza a comparação entre a taioba, PANC nativa, tradicional e espontânea, e uma couve, convencional. Nessa comparação, ela faz um apontamento espacial ao utilizar o termo **lá**, aludindo a uma condição e lugar que prescinde de manejo, ao contrário do manejo da couve, que ela descreve de forma minunciosa.

Nessa mesma direção, Tatu fala sobre a taioba: “Na sombra, na sombra, entendeu? Porque não é toda verdura que gosta de sombra, né”? As plantas convencionais precisam de um manejo específico e mais exigente. Muitas PANC, não. A taioba, por exemplo, é uma planta comestível que faz parte da cultura mineira, sendo nativa da região da Mata Atlântica e desenvolvida melhor na sombra. Na prática do manejo, o sentido de valor da taioba migra, pois em outros momentos ela era considerada **mato**, agora já é considerada **verdura**, sendo-lhe atribuído um significado de ser vivente, ao utilizar o verbo transitivo **gostar**.

A partir das categorias discursivas utilizadas, entendemos que, enquanto modos de representação da realidade social, as fissuras identificadas nesta seção apontam caminhos de

(re)existir daqueles/as que constroem e praticam quintais com PANC frente ao sistema agroalimentar hegemônico. A fronteira espacial (campo-cidade) e temporal (tradicional-desenvolvimento) esteve presente em nossas análises, demarcando modos de resistência ao sistema agroalimentar hegemônico.

Os sujeitos identificam as plantas em seus quintais como seres que possibilitam uma alimentação saudável e segura, contrariamente à cultura alimentar atual, voltada para produtos provenientes do sistema agroalimentar hegemônico. As práticas estudadas também confirmam que as PANC tradicionais nos quintais exigem menos cuidados de manejo e são mais resilientes.

Os quintais com PANC pesquisados caracterizam-se enquanto lugares biodiversos. Identificamos oitenta plantas comestíveis nos quintais visitados, 63% delas foram classificadas como PANC: flores comestíveis, partes comestíveis não convencionais de plantas convencionais, plantas comestíveis tradicionais e plantas ruderais comestíveis, mas que ainda não fazem parte do consumo cotidiano. Desses PANC, 41 plantas são consideradas tradicionais e/ou ruderais⁹, 10 são plantas convencionais com partes comestíveis consideradas PANC, sendo apenas 11 PANC são consumidas no cotidiano. O não consumo ocorre tanto por falta do conhecimento de que são comestíveis, por falta de conhecimento de como prepará-las ou apenas por falta de interesse em provar, já que são consideradas *mato*.

Ao confrontar a alimentação proveniente da prática social dos quintais com PANC à Sindemia Global, percebemos que essa prática contribui para pensar modos de enfrentamento à desnutrição/fome e obesidade, já que os alimentos ali plantados/manejados/colhidos possuem qualidade superior aos disponíveis nos mercados, imersos na lógica do sistema agroalimentar hegemônico.

3.2 O desabrochar de outras formas de ser

Pudemos identificar, a partir do hibridismo e do estilo discursivo nas análises, ou seja, como diferentes tipos de discurso se combinam, que os sujeitos se reconhecem como *antigos*. O sentido desse adjetivo foi compreendido como valorativo, a partir de excertos como o de Maritaca:

Porque hoje tem muita gente que tem preguiça de fazê as coisa. E o povo mais antigo tem mais coragem do que hoje. Tem muita gente que tem preguiça de plantá um pé de couve, tem preguiça! Prefere pedir ou comprar do que plantá na casa. Que às vezes tem quintal na casa, mas tem preguiça de plantá as coisas.

⁹ Plantas ruderais são aquelas que se desenvolvem em espaços antropizados, são plantas que se desenvolvem em hortas, calçadas, beiras de estrada, paredes, calçadas, etc., comumente denominadas plantas daninhas.

Maritaca constrói esse sentido a partir da comparação e avaliação entre duas gerações, utilizando adjunto adverbial de tempo (hoje). O uso repetido do adjetivo **preguiça** enfatiza essa comparação, que tem a intencionalidade de uma avaliação negativa das gerações atuais consumistas e imediatistas, características do capitalismo. Nesse excerto, a comparação traz uma crítica aos valores sociais capitalistas e à perda de valores tradicionais relacionados ao trabalho. Compreendemos, também, que a repetição dos adjetivos **preguiça** e **antigo** contribui na construção desse lugar não-hegemônico, que se opõe a uma sociedade que acompanham a lógica urbano-industrial.

Maritaca também indica que essa identidade não-hegemônica é construída a partir de uma relação, que podemos delimitar como multiespécie, que direciona a uma ética ambiental, quando nos fala que, ao se deparar com outros seres viventes em seu quintal com PANC: “Eu deixo os bichos comê, porque eles também passam fome”. E complementa que “os bichos têm os mesmo direitos que a gente tem de comê, tadinhos”. A categoria da coesão, analisada através do conectivo **porque**, permite identificar noção de injustiça ambiental e de formas de se identificar. A utilização do substantivo **direito** e do adjetivo **tadinhos** (corruptela de *coitadinhas*), iguala direitos animais aos direitos humanos e nos faz entender que, nessa microesfera do cotidiano, há uma ética ambiental, possibilitando afrontar a fratura ambiental, em que se comprehende a natureza enquanto recurso para acúmulo de capital.

A prática social cotidiana e contínua nos quintais com PANC também se afirma na atentividade, que possibilita formas de enfrentamento à dupla fratura. Essa atentividade, a partir dos estudos multiespécie, é compreendida enquanto uma prática de conhecer e aprender com o outro. Intenciona fazer recordar que o conhecimento e a vida estão profundamente enredados, e que prestar atenção pode e deve ser a base para elaborar melhores possibilidades de vida compartilhadas (Van Dooren; Kirksey; Munster, 2016).

Gambá dá tais pistas quando afirma que:

Eu gosto de conversá com minhas plantas. O padre me chamava de doido ali na horta, ali [risos]. Eu chegava na horta, ia capiná, arrancar um pezinho de alface. Eu pedia: ‘me desculpa, vou te plantar de novo’, o padre: ‘cê é doido de conversar com as plantas!’ Mas ela entende a gente, num é?

Gambá utiliza a intertextualidade manifesta com as palavras do padre para afrontar uma visão antropocêntrica moderna, que divorcia a humanidade e a natureza. Essa afronta coloca-se como mais potente quando esse intertexto faz referência a um ator social religioso cristão, que usa a expressão de acusação **doido**, intencionando o silenciamento e a desvalorização de outras formas de se relacionar. O uso da intertextualidade desafia as relações de poder modernas e biopolíticas ao questionar a autoridade religiosa, sobretudo ao utilizar o advérbio **mas** para buscar reafirmar a interação multiespécie. Quando Gambá utiliza a metáfora da planta enquanto um ser vivo capaz de interagir com ele, demonstra uma relação multiespécie e ética ambiental.



Os quintais com PANC também se mostraram lugares construídos por solidariedade, uma vez que 70% dos sujeitos compartilham com a comunidade e/ou familiares os excedentes dos seus quintais. Cães traz a importância da finalidade dessa ação solidária: “Ah, se alguém quiser comprar, eu vendo; se não quiser, a gente acaba dando. Teve um ano que eu dei pra escola. O pessoal pedia, eu dava também. Eu não ligo não. Se é pra comer, eu não ligo não”.

A solidariedade ocorre através de uma relação ética, que se torna importante para a identificação do Outro e da relação de alteridade que, para Leff (2021), são partes constituintes do diálogo de saberes e, consequentemente, da agroecologia. Cães aponta que a solidariedade é superior ao valor do consumo, quando afirma: **eu não ligo não**. Através desse excerto aparentemente simples, percebem-se significados que valorizam a comunidade e as relações sociais, principalmente ao trazer a **escola** e o **pessoal**, e a ação de doar em detrimento de vender.

A análise discursiva, aqui, insinua a construção de outro modo de ser, que se opõe aos modos capitalistas, antropocêntricos, individualistas e consumistas que acompanham a lógica urbano-industrial. Assim, pudemos compreender mais a composição ontológica da prática social dos quintais com PANC, uma vez que identificamos relações multiespécies e atentividade, que insinuam uma ética ambiental; e a solidariedade, que funda a alteridade.

3.3 As Sementes do poder hegemonic

Os sujeitos avaliaram negativamente as técnicas de plantio do agronegócio, como no excerto a seguir: “porque ficar dentro daquela estufa, né? Aquele negócio vai subindo naquele negócio de computador, lá, entendeu... negócio de robô, sei lá [risos] entendeu? Aí, ó! É por isso que eu falo! Essas alface de mercado tá tudo com remédio”.

Tatu, ao utilizar a conjunção **porque**, constrói o sentido de causa e efeito, e avalia negativamente o uso da tecnologia ao trazer a utilização da estufa relacionada ao uso do computador. Para reforçar essa avaliação negativa, faz uso da metáfora e renomeia agrotóxico como **remédio**, assim como ironiza as tecnologias de cultivo aplicadas pelo agronegócio, a fim de expor a sua valorização das técnicas tradicionais.

Considerando que o sistema agroalimentar também engloba centrais de abastecimento e logística, as Centrais Estaduais de Abastecimento (CEASAS) foram citadas muitas vezes, e compreendidas como um obstáculo à soberania alimentar. Muitas mudas de plantas desses quintais com PANC são adquiridas nas próprias CEASAS, o que limita o acesso à variedade de plantas cultivadas. Identificamos, também, as centrais como agente ideológico que normaliza as plantas convencionais controladas pelo sistema agroalimentar hegemonic e, dessa maneira, legitimam as espécies comestíveis. Vide a fala de Jacu:

Tá vendo esse almeirão roxo? Nem no CEASA você encontra muda dele [...] Mas lá no CEASA não se vende esse mato, não [...] Durante o tempo que eu mexo com o CEASA, nunca vi. Tem visto foia (taioaba) dela vendendo lá, mas muda nunca vi.



Jacu apoia-se na comparação entre as formas de adquirir as mudas, e traz um significado da institucionalização, tanto da comercialização de folhas quanto de muda, das CEASAS. Isso ocorre quando aponta que duas PANC de seu quintal (no caso, almeirão-roxo e taioba) não se encontram por lá. Essas PANC fazem parte do seu conhecimento tradicional, e a institucionalização das CEASAS enquanto espaços legitima as plantas comestíveis convencionais, desvalorizando tal conhecimento. Entendemos que essa desqualificação dos saberes tradicionais é uma estratégia do epistemicídio para fim de homogeneização da cultura alimentar, tornando-a globalizada.

A presença dessas PANC no quintal de Jacu demonstra sua resistência ao sistema agroalimentar hegemônico, que homogeneiza a prática alimentar. No entanto, ao utilizar a expressão **mato** para nominar o almeirão roxo e a taioba, parece depreciar essas PANC. Em territórios rurais/campesinos é comum utilizar a expressão **mato** para plantas que não estabelecem uma relação de interesse ao ser humano que ali se posciona. Consideramos o uso do termo **mato** enquanto figura de linguagem.

A depreciação está nítida na fala de Tatu: “Verdura é, entendeu. Mas esse negócio aí, esse outros troço, não. É muda que eu ganhei, entendeu?”. A ação de depreciar está apontada no uso da figura de linguagem **negócio** e **troços**. A escolha pelo uso de tal recurso estilístico indica uma hierarquização de valores, em que as verduras, por serem mudas compradas nas CEASAS, possuem mais valor que as mudas de PANC ganhadas por vizinhos em ato de solidariedade. Tatu indica valorização, ao diferenciar uma planta convencional enquanto **verdura**, e as PANC como **esse negócio** e **troços**. Esse movimento de valorização e hierarquiação de valores das plantas comestíveis contribui com a fratura ambiental descrita por Ferdinand (2022), em que as PANC, marcadas por um saber tradicional e racializado, possuem menos valor que as plantas legitimadas pelo sistema agroalimentar hegemônico. Esse aspecto permite analisar a ideologia sendo operada através da CEASA, tendo o uso figurado da linguagem com objetivo de ocultar, negar, velar ou obscurecer relações assimétricas de poder.

Ao compreender as receitas culinárias enquanto um gênero de discurso situado e ideológico, as análises apontaram a incorporação de produtos provenientes desse sistema em receitas tradicionais de cura, e a substituição de formas tradicionais de comunicação, que eram feitas através da oralidade, e agora, por meios de comunicação provenientes da globalização, como as redes sociais. Maritaca demonstra essa descaracterização dos saberes tradicionais quando fala do uso de plantas medicinais:

O pior chá que eles beberam foi de santa maria, pesquisei lá na internet. Aí, mandou: duas colher de leite em pó, santa maria, água e punha pra bater aquilo com limão e sete dente de alho com casca. Punha e bate. Virava aquela vitamina, aquela vitamina, e uma colherzinha de açúcar.

A expressão avaliativa negativa **o pior chá que beberam**, conectada à erva-de-santa-maria (*Chenopodium ambrosioides*), uma planta medicinal e também PANC, e não ao veículo

de comunicação, que desterritorializa e artificializa os saberes tradicionais de cura. Ela segue os ingredientes descritos na receita e utiliza leite em pó, proveniente do sistema agroalimentar hegemônico, mesmo podendo utilizar leite de vaca agroecológico e fresco, de graça, do curral que há no vizinho. Nesse excerto, compreendemos que, com o uso da internet, as práticas sociais, antes tradicionais, hoje estão impregnadas de sentidos que podem contribuir com a manutenção da ideologia que constrói a Sindemia Global.

Nessa temática, identificamos uma identidade campesina que se opõe à lógica urbano-industrial, quando Lagarta denuncia o desinteresse das gerações atuais no trabalho de quintais com PANC:

Se cada um plantasse, se cada um pegasse um pedacinho de terra e fizesse um mocadinho, num tinha tanta miséria como tem, também não. Que Deus me perdoe! Pelo amor de Deus! Mas só que, também, tem uns que não quer fazer também não: - “Ah! Não vou perder tempo com isso também não, isso aí já era! É do tempo do antigo!” - É do tempo do antigo, mas pode ver, é no tempo dos antigos que era muito difícil ouvi falar de fome, né? Era muito difícil!

Lagarta faz uso de expressões apelativas, emocionais e religiosas para apontar que a fome em territórios de características rurais é uma violência atual, por consequência do desinteresse das gerações recentes no trabalho do plantio de comida. Esse desinteresse contribui com a manutenção da dependência dessa geração ao sistema agroalimentar hegemônico. A intertextualidade manifesta auxilia a compreender um discurso histórico e de valores capitalistas que se opõe aos valores de comunidades com identidade tradicional não hegemônica.

O sistema agroalimentar hegemônico é um dos responsáveis pela perda da biodiversidade, através do desmatamento e das queimadas, e por valorizar poucas variedades comestíveis. Raniere (2018) mostra que 60% da nossa alimentação vêm de três espécies de plantas transgênicas: trigo, arroz e milho. Sobre uma dessas plantas, Gambá tem suas andanças de vida relacionadas à agricultura, tanto plantando em fazendas, como funcionário contratado, quanto para a própria família, desde criança. Durante a entrevista, relatou que tem muita experiência no plantio de arroz. No excerto a seguir, indica conhecer duas variedades de arroz, e compara uma delas com uma PANC.

O arroz era, como é que chamava... tinha um tal de amarelão, agulhinha, mas tinha outro nome lá, e dava muito, um tal de Moçambique. O Moçambique é igual a bortalha. [...] Ele aparece e brota sozinho. É gostoso! Só que é meio amarelo. É o melhor arroz que tem aí, [...] por aqui ó, nesses fazendas que tinha muita plantação, mas não tem mais não.

Ao comparar o arroz Moçambique a uma PANC, a bortalha, confirma a resiliência de espécies de plantas não convencionais, a independência no que tange à aquisição de sementes, o fácil manejo, o paladar e a qualidade. Estima-se que existam, no mundo, mais de 2.000 variedades de arroz, e cerca de 80% de todo o arroz cultivado no mundo, inclusive no Brasil, vêm de uma espécie, *Oryza sativa indica* (Agrodados; Planeta Arroz), à qual pertence o arroz agulhinha, que Gambá traz no excerto, cujas sementes podem ser transgênicas ou não.

Nesse eixo temático, identificamos representações das sementes do poder do sistema agroalimentar hegemônico através das CEASAS, que legitimam, normalizam e unificam as plantas convencionais, e limitam o acesso a outras variedades de plantas comestíveis. Compreendemos alterações nas formas de circulação dos saberes tradicionais, que antes eram orais e agora se fazem através das mídias sociais, que alteram as receitas tradicionais para incorporar seus próprios produtos. Essas sementes também estão plantadas nas gerações atuais, que incorporaram, em seus modos de ser e viver, os valores consumistas do capitalismo.

4. Considerações finais: Educação Ambiental em quintais com PANC

O objetivo deste artigo foi discutir educabilidades identificadas na prática de sujeitos que constroem e praticam quintais com PANC na cidade de Simão Pereira, MG, e que podem contribuir para o fazer pedagógico da EA, a partir dos saberes relativos às PANC, à soberania alimentar e ao sistema agroecolimentar hegemônico. Ao longo do texto, fizemos uma defesa de que campo e cidade devem valorizar e preservar os quintais, assim como defendemos que esses espaços devem ser ocupados também com PANC, uma vez que entendemos que quintais e PANC são lugares e seres importantes para o enfrentamento da Sindemia Global.

Segundo Loureiro (2022), a EA crítica é um conjunto de processos sociais de formação humana, que questionam as relações de poder destrutivas da vida na busca por outras formas de ser e existir no mundo. Em suas palavras, “[...] uma intencionalidade tão ampla traz diferentes perspectivas acerca do fazer educativo e possibilita um campo diverso, composto por leituras de mundo que dialogam ou até mesmo antagonizam (Loureiro, 2022, p. 46). A EA crítica, assume, então, um papel importante na compreensão dos paradoxos da questão alimentar, na medida em que possibilita visibilidade aos atores sociais injustiçados, aos saberes por eles construídos e a articulação de lutas em defesa de seus territórios.

O diálogo que a EA trava com a Ecologia Política pode ajudar a construir processos educativos, a partir de uma outra lógica que se oporia àquela do sistema capitalista, contribuindo, assim, para o processo de transformação societária em direção a uma política de vida (z; y, 2025). Dessa forma, anuncia epistemologias e pedagogias insurgentes que emergem das práticas sociais dos sujeitos em situação de violação de direitos humanos, como é o caso do DHAA.

Na pesquisa em questão, o sistema agroalimentar hegemônico não apenas foi avaliado negativamente pelos sujeitos, como também as suas formas de operacionalização foram identificadas, quando relataram a percepção de que: 1) há um desinteresse das gerações atuais pelas práticas dos quintais; 2) a CEASA atua como instituição reguladora da prática social da alimentação; e 3) há incorporação, pelas mídias hegemônicas, dos saberes tradicionais, agregando e incentivando o uso de produtos do próprio sistema agroalimentar hegemônico adquiridos via mercados, em detrimento de produtos advindo de próprio quintal.

Esta pesquisa demonstrou que os quintais são lugares onde germinam educabilidades políticas que podem vir a enfrentar a Sindemia Global. Ao refletir sobre o papel das práticas dos quintais com PANC na/para a Educação Ambiental, defendemos que elas podem ser atividade-meio para apontar disputas de poder entre conhecimentos rivais e produção de resistências, insinuando outras formas de viver e existir, ou seja, possibilitando práticas pedagógicas que incitam o pensamento crítico. A EA crítica pode inaugurar metodologias e práticas criativas que aproximem teoria e política para o arcabouço da questão alimentar, fazendo uso dos quintais e de seus alimentos agropolíticos.

A pesquisa articulou a Educação Ambiental aos campos da Ecologia Política e da Agroecologia. As análises trouxeram muitos anúncios, que surgiram como fios condutores para a construção de modos de habitar o mundo de forma agroecológica, assim como do trabalho agroecológico nos quintais com PANC. Trazer para o trabalho pedagógico esses fios condutores agroecológicos pode contribuir para fortalecer a transição agroecológica em espaços outros, que podem adquirir o sentido de quintais com PANC, como hortas escolares, hortas urbanas, etc.

No que diz respeito aos modos de habitar o mundo, os sujeitos parecem mobilizar: 1) a construção de uma identidade que se coloca como resistência diante de um sistema agroalimentar que incentiva um caráter consumista; 2) uma ética ambiental que encaminha a racionalidade ambiental; 3) a prática dos quintais como atenção à convivência multiespécie, no sentido oposto ao dualismo cartesiano divisor da relação entre natureza e cultura; e 4) a solidariedade através de uma relação ético-social.

Ao refletir sobre esses resultados em diálogo com a Agroecologia, assumimos que podem contribuir com a EA, uma vez que possibilitam repensar o metabolismo sociedade-natureza, valorizando saberes construídos a partir da memória e da prática cotidiana nos quintais com PANC. Ao transformar em educabilidades, potencializam as intencionalidades de justiça ambiental no fazer educativo da EA crítica. Os significados relacionados às PANC podem desvelar o epistemicídio e auxiliar a pensar caminhos rumo à soberania alimentar, frente a um momento de incertezas relacionadas com a crise climática. Importa ressaltar que os dados apontam que há necessidade de trabalhar, junto aos sujeitos, a identificação dessas plantas, assim como formas de preparo, para que haja um real potencial de consumo, pois a presença de PANC nos quintais foi expressiva, mas o consumo cotidiano ainda é incipiente.

A utilização de referenciais teórico-metodológicos da ACD permitiu identificar e compreender meios e modos diversos de habitar o mundo que afrontam os modos urbano-industriais sob a lógica consumista, uma vez que identificamos elementos de (re) existência ao processo de artificialização urbana. Sendo assim, os quintais com PANC podem se configurar como lugares práticos de produção de conhecimentos que contribuem para uma EA crítica, que se proponha a desvelar as consequências nefastas das cadeias produtivas globais do mercado internacional, estabelecendo, então, outras formas possíveis de habitar o mundo.

Os resultados desta pesquisa indicaram a proposta dos autores Rufino, Camargo e Sanchez (2020), de um devir decolonizador, que alinha um modo de habitar o mundo e viabiliza a vida através de diferentes experiências, memórias, narrativas e tecnologias. Esse devir possibilita enfrentar o mundo monológico e homogeneizador do ser e do saber por meio da terrexistência. Segundo os autores, terrexistência é uma condição eco-ontológica capaz de compor sociedades com a natureza em defesa à vida.

Referências

- AGRODADOS; PLANETA ARROZ.** Tipos de arroz mais consumidos no Brasil. Disponível em: <http://planetaarroz.com.br/guia-agrodados-planeta-arroz-tipos-de-arroz-no-brasil/>. Acesso em: 31 maio 2023.
- ALMADA, Emmanuel D.; SOUZA, Mariana O. (org.).** **Quintais:** memória, resistência e patrimônio biocultural. Belo Horizonte: UEMG, 2017.
- BISPO, Antônio, dos S.** **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu Editora/OISEAGRAMA, 2023.
- BOGDAN, Roberto C.; BIKLEM, Sari K.** **Investigação Qualitativa na Educação.** Portugal: Porto, 1994.
- BOMBARDI, Larissa M.** **Agrotóxicos e colonialismo químico.** São Paulo: Elefante, 2023.
- CARNEIRO, Sueli.** **Dispositivo de racialidade:** a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- CONSELHO NACIONAL DE SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL (CONSEA).** **Manifesto da 5 Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional à Sociedade Brasileira sobre Comida de Verdade no Campo e na Cidade, por Direitos e Soberania Alimentar.** Brasília, 2015. Disponível em: <http://www4.planalto.gov.br/consea/comunicacao/noticias/2015/novembro/manifesto-a-sociedade-mostra-o-que-e-comida-de-verdade> Acesso em: 18 jul. 2019.

COSENZA, Angélica. Agroecologia Escolar: semeando ecologia política e educação ambiental. In: SALDI, Leticia; SALGADO, Stephanie D., C.; ESCHENHAGEN, Maria, L.; COSENTINO, pablo (orgs). **Boletín Senti-pensarmos Tierra Educacion ambiental y ecología política em clave latinoamericana y del Caribe.** Segunda Parte. 11ed. Buenos Aires: CLASCO, 2022, v. 3, p. 65-74.

FERDINAND, Malcom. **Uma Ecologia decolonial:** pensar a partir do mundo caribenho. São Paulo: Ubu, 2022.

FILARDI, Marcos. Un sistema que produce hambre. In: LIZARRAGA, Patrícia; FILHO, Jorge P. (orgs). **Atlas de los Sistemas Alimentarios del Cono Sur.** Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Fundación Rosa Luxemburgo, 2022.

KINUPP, Valdely F.; LORENZI, H. **Plantas Alimentícias não convencionais (PANC) no Brasil:** guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas. São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2014.

LAYRARGUES, Philippe P. Manifesto por uma educação indisciplinada. **Revista Ensino, Saúde e Ambiente,** Número Especial ESA 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ensinosaudedeambiente/article/view/40204>. Acesso em: 4 dez. 2020.

LAYRARGUES, Philippe. Horta Escolar: o plantio da Educação Ambiental Crítica e a colheita de um alimento agropolítico. In: COSENZA, Angélica; SILVA, Camila N.; REIS, Emanuelle dos. (orgs.). **Agroecologia escolar:** quando professores/as e agricultores/as se encontram. Rio das Ostra, RJ: Nupem/UFRJ, 2021.

LEFF, Enrique. **Ecologia Política:** da desconstrução do capital à territorialização da vida. Campinas: Unicamp, 2021.

LOUREIRO, Carlos, F. B. **Educação Ambiental:** questões de vida. São Paulo: Cortez, 2019.

LOUREIRO, Carlos F.B. Educação Ambiental crítica e lutas antissistêmicas In: SALDI, Leticia; MILANEZ , Felipe; TRUJILLU , Mina L. N.; ROCA-SERVAT (coord.), Denise. **Senti-penasarmos Tierra:** educación ambiental y Ecología política em clave latinoamericana y del Cribre. n. 10, p. 46-52, 1 ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2022.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo decolonial. **Estudos Feministas**, 22(3): 320, set.-dez., Florianópolis, 2014, p. 935-952.

MACHADO, Luiz C. P.; MACHADO FILHO, Luiz C.P. **A dialética da Agroecologia:** contribuições para um mundo com alimentos sem veneno. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaza; MALDONADO-TORRS, Nelson; GROSFOGUEL, Ramón (orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiáspótico**. Belo Horizonte, 2018.

MENEZES, Anne. K.; COSENZA, Angélica. Os lugares da Ecologia Política na Educação Ambiental: Análise de um Grupo de Discussão de Pesquisa. **Revista Pesquisa Educação Ambiental**. v. 20, n. 1, 2025. DOI:

<https://doi.org/10.18675/2177-580X.2025-18824> Acesso em: 21 out 2025.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane de M. **Análise de discurso (para a) a crítica: o texto como material de pesquisa**. Campinas: Pontes Editores, 2011.

RANIERE, Guilherme. **Levantamento Etnobotânico das Plantas Alimentícias nos municípios de Areias e São José do Barreiro – SP: um patrimônio nos quintais urbanos**. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) - Instituto de Energia e Ambiente da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018.

RUFINO, Luiz. **Ponta-cabeça: educação, jogo de corpo e outras mandingas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2023.

RUFINO, Luiz; CAMARGO, Daniel R.; SÁNCHEZ, Celso. Educação Ambiental desde El Sur: a perspectiva da Terrexistência como política a poética descolonial. **Revista Sergipana de Educação Ambiental. REVISEA**, São Cristóvão, v.7, nº especial, 2020.

SCHITTINI, Cristina de M.; COSENZA, A. (2023). Quintais com PANC: espaços produtores de educabilidade?. **Revista Brasileira De Educação Ambiental**, 18(4), 242–259, 2023. <https://doi.org/10.34024/revbea.2023.v18.14537>

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e Agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

THE LANCET. **Sindemia Global da Obesidade, Desnutrição e Mudanças Climáticas**: relatório da Comissão The Lancet. Jan, 2019. Disponível em: https://alimentandopoliticas.org.br/wp-content/uploads/2019/08/idec-the_lancet-sumario_executivo-baixa.pdf. Acesso em: 22 de set. 2021.

Van DOOREN, Thom; KIRKSEY, Eben; MÜNSTER, Ursula. Estudos multiespécies: cultivando artes de atentividade. Trad. Susana Oliveira Dias. **ClimaCom** [online], Campinas, Incertezas, ano. 3, n. 7, pp.39-66, Dez. 2016. Available from: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/wp-content/uploads/2014/12/07-Incertezas-nov-2016.pdf>

WALSH, Catherine. Interculturalidad y (de)colonialidad: perspectivas críticas y políticas. In: **Revista Visão Global**, Joaçaba, v. 15, n. ½, p. 61-74, 2012. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/visaoglobal/article/view/3412>. Acesso em: 21 jun. 2021.

Recebido em abril de 2024.
Aceito em outubro de 2025.

Revisão gramatical realizada por: Elita de Medeiros
Email: elita.med@gmail.com